

## UM FRAGMENTO DA HISTÓRIA DO FUTURO

ADMA FADUL MUHANA  
Lisboa - Portugal

Entre as centenas de páginas escritas por Vieira antes e durante sua reclusão em Coimbra pelo Tribunal do Santo Ofício, encontramos inúmeros fragmentos, a maioria dos quais pertencente ou relacionada à **História do Futuro**, obra que ele começou a compor por volta de 1649. Todo este material, ainda em forma de rascunho, foi sequestrado pela Inquisição que o reuniu em duas volumosas pastas a fim de constituir o Processo pelo qual Vieira seria julgado - e que hoje está depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa.

Como se sabe, o **pivot** encontrado pelo Santo Ofício para abrir o Processo foi a defesa de Vieira acerca do espírito profético de um sapaiteiro chamado Bandarra, que, segundo ele, profetizara a ressurreição do rei Dom João IV; esta ressurreição teria por objetivo divino a diluição de todas as outras religiões na religião católica e, sobretudo, a instauração de uma monarquia universal, pacífica e feliz, sob a égide de Portugal: o Quinto Império. Não vem ao caso a interpretação feita por Vieira das **Trovas** de Bandarra; o que interessa aqui é que baseado nesta consideração e fundamentando-se na Tradição católica, ele intentará provar que a Portugal estava destinado o domínio espiritual e temporal do mundo. Deste seu "visionarismo", como é costume o caracterizar, resultou principalmente a **Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício e a História do Futuro**.

O fragmento que ora transcrevemos encontra-se no Apenso 1º do Processo e pertence a um ideado capítulo do "Livro Antepreimeiro" da **História do Futuro**. Como ele mesmo diz, este capítulo é redigido com um certo intuito de divertir (**delectare** e **docere**) os leitores, porque "sempre são enfatiados os prologômenos, se a este lhe não valer sua muita variedade". Tratam-se de "casos" de profecia relativos a dois importantes missionários jesuítas do início da colonização do Brasil, os Padres José de Anchieta e João de Almeida.

O primeiro relato, referente a José de Anchieta, é propriamente um “caso galante” dentre os muitos que a Igreja e a história oficial mencionam para corroborar sua fama de santidade e dedicação à causa católica de catequese. Com alguma diferença no nome dos personagens e circunstâncias do evento, o mesmo pode ser lido na **Vida do venerável Padre José de Anchieta** do Provincial do Brasil Pe. Simão de Vasconcelos, editada em Lisboa em 1672.<sup>1</sup> Certamente Vieira e o Provincial tiveram notícia do acontecimento por fontes diversas e, no confronto de ambos os relatos, o que ressalta é a conhecida habilidade de Vieira em dar vida aos menores personagens históricos a que se refere; veja-se por exemplo como ele apresenta as intenções do Pe. Anchieta, as razões que o pedreiro expõe, veja-se o comportamento do povo do Rio de Janeiro, etc.

O segundo relato oferece ainda mais interesse. Neste caso não hesitamos em afirmar que Vieira tinha nas mãos outra obra (ou a obra, ou um manuscrito) de Simão de Vasconcelos, publicada em 1658, em Lisboa, a **Vida do P. Joam d’Almeida da Companhia de IESV na provincia do Brazil**.<sup>2</sup> Há frases idênticas em ambos os relatos, as circunstâncias são em tudo semelhantes, a ordem dos eventos é a mesma, e no entanto... No entanto há alguns detalhes que mostram se diferenciar fundamentalmente a intenção que moveu os dois autores em narrar o fato.

Também aqui o Pe. Simão de Vasconcelos está interessado em dar a conhecer a vida de um homem santo. Embora ele destaque este caso de predição, o destaque não é maior do que o dado a outros “milagres” do Pe. João de Almeida, bem como a suas auto-flagelações e suplícios. No seu livro, as profecias e os milagres são recompensas com que Deus premia um servo humilde e penitente, cuja existência é posta a serviço da religião.

Já em Vieira - e toda a **História do Futuro** é prova disso - a profecia está inteiramente subordinada aos rumos que a Providência divina quer imprimir à história da humanidade: “note-se muito que os profetas são os que dividem os reinos e os repartem; eles o dividem primeiro, profetizando, e depois Deus, executando”, dirá ele em certa passagem.<sup>3</sup> Neste sentido, a profecia do Pe. João de Almeida é prioritariamente a “revelação de um decreto” (a qual, não resta dúvida, é dada como uma recompensa pelas virtudes do Padre). Mas a ênfase recai sobre o **decreto**: estava decretado pela Providência que os holandeses não avançariam sobre o Rio de Janeiro, nem que se assenhoariam definitivamente de Angola. O Pe. Almeida, então, funciona como um “oráculo”, um arauto que anuncia tais desígnios ou ordens de Deus. E se Deus ordena, por meio do Padre, que Salvador Correia de Sá empreenda a restauração de Angola, e combine os elementos para assegurar sua vitória, é porque - dedução que decor-

re facilmente no âmbito da **História do Futuro** - está predestinada a consolidação e expansão do império português como Quinto Império do mundo.

A **História do Futuro** ficou incompleta. Mesmo se editando este e muitos outros fragmentos que ainda hoje dormem no Processo, nunca saberemos tudo o que Vieira esperava e almejava para o seu grande Império. Já na **Defesa**, já na **História do Futuro** que anda publicada (para não falar nas **Cartas** e **Sermões**, é claro) encontramos belas páginas acerca do Brasil no século XVII. Mas é raro se mostrar tão patente como neste fragmento a interrelação apreendida por Vieira entre as colônias do Brasil e da África, mutuamente e perante Portugal.

Para finalizar, alguns esclarecimentos a respeito da transcrição. O original está bastante degradado, tendo a tinta penetrado no papel e a florado no verso das folhas. Em muitas partes onde há palavras ou trechos riscados, o papel desapareceu com a tinta; por este motivo, algumas palavras se tornaram ilegíveis, mas todas aquelas que podemos reconstituir com segurança, assim o fizemos. As notas que vêm no texto dizem respeito ao trabalho de transcrição, sendo que a maioria se refere a palavras ou frases que Vieira suprimiu à medida que redigia; outras se referem a inversões de frases, palavras puídas, erros e demais acidentes do original. No corpo do texto destacamos por meio de colchetes [x] as palavras ou frases intercaladas por Vieira à margem do papel; e entre <x> aqueles que ele inseriu nas entrelinhas. Finalmente, modernizamos a grafia, desdobrando as abreviaturas, acentuando conforme o léxico atual, etc.; evitamos porém alterar a pontuação para não interferir no ritmo das frases, apenas o fazendo em casos que julgamos indispensáveis.

## NOTAS

1. Livro IV, cap. IV, § 6. Esta obra, prefaciada por Serafim Leite, foi reeditada em 1943, no Rio de Janeiro.
2. Cf. todo o Livro VI.
3. Livro Antepimeiro da **História do Futuro**, cap. 8º.

## Pe. JOSÉ DE ANCHIETA e Pe. JOÃO DE ALMEIDA

fl.1

Ajuntaremos neste capítulo, posto que antecipando em parte a ordem do tempo, os dois Taumaturgos da América, os Veneráveis padres José de Anchieta e João de Almeida, ambos Religiosos da Companhia de Jesus, ambos da Província do Brasil,<sup>1</sup> ambos insignes em espírito de profecia, e ambos conhecidos de muitos que hoje [vivem], ou por vista, ou por memória.

O Padre José de Almeida, cuja vida escreveu em Língua Portuguesa o Padre Pedro Roiz Provincial do Brasil, na Latina o Padre Beretario, na Italiana o Padre Baldi, na Castelhana o Padre Pedro Hernandez, em alemão o Padre Eusébio Neriemberg nos seus elogios dos Varões Ilustres da Companhia, foi Guanche de nação, natural da Ilha Tenerife, uma das antigamente (sic) se chamavam Fortunadas, e hoje Canárias. Depois de estudar na Universidade de Coimbra, entrou na Companhia de Jesus, onde logo começou a viver com grande fama e santidade (e como tal se conserva<sup>2</sup> naquele<sup>3</sup> <insigne> colégio o seu cubículo consagrado em capela, havendo-se derrubado todo o edifício velho para a fábrica do novo). Pedindo<sup>4</sup> ser mandado para a missão do Brasil<sup>5</sup>, sobre ser um dos que mais trabalharam na conversão daquela vasta gentildade com exemplos<sup>6</sup> <sempre> grandes e maravilhosos,<sup>7</sup> não só foi prodigioso na<sup>8</sup> continuação de infinitos e estupendos milagres, mas tão<sup>9</sup> singular e raro<sup>10</sup> no espírito de Profecia que chegaram a entender homens de grandes letras que o conheceram Ihe tinha Deus concebido esta graça habitualmente por privilégio especial sobre a regra e lei ordinária com que a Providência divina costuma dispensar em sua Igreja o espírito de Profecia, posto que a conclusão comum dos Teólogos nesta matéria seja a que eles resolvem com S. Tomás na 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, questão 172. Para mostra deste espírito, referirei aqui<sup>11</sup> um só caso que por sua galantaria servirá de desenfastiar esta lição (que sempre são enfastiadados os prologômenos) se a este Ihe não valer sua muita variedade (sic). Trabalhava<sup>12</sup> nas obras do Colégio do Rio de Janeiro Pero Gonçalves, oficial de Pedreiro, e continuamente na assistência delas o<sup>13</sup> Provincial, que era naquela ocasião o Pe. José de Anchieta. E como<sup>14</sup> ele nunca perdia tempo de re... <sup>15</sup> mais uma pedra ao seu principal edifício, exortou a Pero Gonçalves que se retirasse do mundo e se fizesse Religioso, que ele o receberia na Companhia.

fl.1v “Em bom estado estou eu para ser frade (responde o pedreiro) se sou casado e tendo minha mulher em Viana e aqui a minha Maria ainda por casar”. Era a Maria uma filha que tinha levado consigo para o Brasil. “De maneira, Pero Gonçalves [(replicou o Santo)<sup>16</sup>] que não quereis ser<sup>17</sup> <Padre> da Companhia?<sup>18</sup> Ora, quando vós casardes a vossa Maria e o diabo vos levar, então<sup>19</sup> sereis da Companhia”. Foi o caso que<sup>20</sup> dali a dois anos concertou<sup>21</sup> o homem o casamento da filha,<sup>22</sup> e a (sic) recebeu em dia de São Sebastião, que é a maior festa daquela / Cidade,<sup>23</sup> a qual se chama cidade de S. Sebastião, e tem<sup>24</sup> por seu padroeiro<sup>25</sup> [a este glorioso Mártir]. Costumava-se fazer na tarde daquele dia uma solene procissão com muitas<sup>26</sup> máscaras e danças, e diante de uma delas ia um diabo muito grande, afastando a gente e fazendo berreiro aos dançantes. E como Pero Gonçalves, que ia<sup>27</sup> [no acompanhamento], se não afastasse tanto como o diabo<sup>28</sup> <Ihe mandava>, apanhou-o entre as mãos e levou pelo ar, com grande festa e riso <de todos>, correndo pela praia onde então<sup>29</sup> chegava a procissão, como <que> o queria deitar no mar. Neste ponto, abicava à terra um batel de uma nau de Viana que acabava de lançar ferro: largou o diabo<sup>30</sup> [a presa com o alvoroço] e correram<sup>31</sup> <ambos> a saber novas;<sup>32</sup> e entre as cartas que logo ali se repartiram, recebeu uma Pero Gonçalves, na qual lhe davam conta como sua mulher era morta. Lembrou-se na mesma hora<sup>33</sup> do que o Padre José lhe tinha dito, e, vendo-se naquele mesmo dia desembaraçado da mulher e da obrigação da filha, parte da mesma praia para o Colégio da Companhia, pede<sup>34</sup> ser admitido nela, onde depois viveu muitos anos e acabou Religiosamente.<sup>35</sup> Deste modo se verificou<sup>36</sup> com todas suas circunstâncias um dito de graça que parecia tão impossível, como haver de<sup>37</sup> ser Padre da Companhia<sup>38</sup> o Pedreiro casado Pero Gonçalves, no dia em que casasse a sua Maria e o levasse o diabo. Floresceu este insigne varão<sup>39</sup> [desde o ano de 1563, em que entrou no Brasil, até o de 159 ,<sup>40</sup> em que acabou gloriosamente o curso de sua admirável vida].

O Padre João de Almeida foi de nação Inglês, natural da cidade de Londres, filho de Pai herege. Passou-se sendo menino a Portugal, perdendo a pátria para conservar a fé católica; e de Portugal foi ao Brasil, onde entrou na Companhia de Jesus e teve por mestre em parte do noviciado ao Pe. José de Anchieta, de quem como outro Eliseu recebeu o espírito dobrado, sendo cordeiro seu assim na graça dos prodigiosos milagres, como do lume da profecia, em que foi igualmente portentoso. Darei por exemplo só outro caso,

para que saiba Portugal quanto deve ao merecimento deste servo de Deus e à eficácia de suas orações.<sup>41</sup>

fl.2 Havia sete anos que estava ocupada pelos Holandeses a cidade de Luanda, cabeça dos Reinos de Angola, e com ela<sup>42</sup> os Portos<sup>43</sup> <tomados> e o comércio<sup>44</sup> impedido. Os Portugueses<sup>45</sup>, antigos moradores daquele Estado<sup>46</sup>, retirados<sup>47</sup> pela terra dentro<sup>48</sup> e, por falta das assistências do Reino e socorros do Brasil, reduzidos à última miséria e perigo de se entregarem de todo, e<sup>49</sup> [se acabar de perder com eles quanto] Portugal conservava naquela conquista, que era pouco mais que o nome. A diversão das guerras de Castela não davam lugar a que se tirasse do Reino tão poderosa armada que bastasse a arrancar<sup>50</sup> <do posto> ao Inimigo, o qual com competente número de navios no mar, fortalezas e grossos presídios em terra, e sobretudo com liga e confederação estabelecida<sup>51</sup> com os Reis / vizinhos, se achava tão forte e bem fundado que se tinha e era tido por seguro Senhor de tudo. Neste desesperação dos meios humanos, recorria o Pe. João de Almeida aos divinos<sup>52</sup>, batendo [fortemente] o céu com contínuas orações, procurando render a misericórdia ou justiça daquele Senhor que é o que dá e tira<sup>53</sup> os Reinos<sup>54</sup>, e os defende ou entrega. Resolveu el-Rei que se acudisse a Angola de algum modo e que este fosse<sup>55</sup> tomarmos naquela costa o porto ou sítio de Guicombo, que fica duzentas léguas<sup>56</sup> ao sul de Luanda<sup>57</sup> [para o cabo de Pax esperança], e que ali se<sup>58</sup> fabricasse uma fortaleza da qual pudesse ser socorrida<sup>59</sup> a de Massangano<sup>60</sup> onde os nossos se tinham retirado<sup>61</sup>, abrindo-se juntamente por aquele porto [a inteligência com os<sup>62</sup> sobas nossos amigos] o comércio da escravaria, tão necessário ao serviço e conservação do Brasil. Esta empresa encomendou Sua Magestade logo<sup>63</sup> ao valor e prudência de Salvador Correia de Sá e Benavides, com título de General dela e Governador de Angola, o qual<sup>64</sup> [no princípio do ano de 1648 chegou] com poucos navios<sup>65</sup> à Cidade do Rio de Janeiro, onde se havia de ajuntar e fornecer de vasos, gente e bastimento o resto<sup>66</sup> de uma armada capaz daquele intento<sup>67</sup>. [Aparelhavam] no mesmo tempo outra os Holandeses<sup>68</sup> de Pernambuco, com que tinham posto em cuidado todos<sup>69</sup> os<sup>70</sup> lugares marítimos daquela Costa, e mui particularmente o<sup>71</sup> Rio de Janeiro<sup>72</sup>, ao qual<sup>73</sup> ameaçava <mais> a fama como sítio de tão importante<sup>74</sup> ao assédio da Bahia e conquista Universal<sup>75</sup> do Brasil: com que a empresa de Angola se viu totalmente impossibilitada, julgada de todos por intempestiva, e<sup>76</sup> os mesmos navios <por> mais bem empregados no socorro e defesa da praça onde se achavam.

Comunicou<sup>77</sup> o General esta perplexidade em que se<sup>78</sup> <via> com o Padre João de Almeida, pela antiga amizade e conhecimento que tinha de seu espírito, para que o encomendasse a Deus; e o Padre, que já tinha feito aquela diligência, e despachado o negócio com<sup>79</sup> [o mesmo Senhor], lhe<sup>80</sup> <respondeu> logo resolutamente que não desistisse da empresa<sup>81</sup>, e que se aprestasse com toda a brevidade de modo que aos doze de Maio tivesse saldo daquele porto, porque Deus lhe queria dar uma grande vitória em que livraria a cidade e Reino de Angola do poder de Inimigos de nossa santa fé, por meio da Virgem da Assunção e do anjo da guarda [e do Arcanjo S. Miguel], que tomaria por padroeiro daquela empresa<sup>82</sup>, e que quando entrasse na praça lhe levantasse ali um altar. e o dedicasse a seu nome. Assim o disse<sup>83</sup> de palavra o Padre Almeida e, poucos dias depois, estando ausente da cidade, o ratificou com a mesma segurança por um escrito, tornando a encarregar<sup>84</sup> ao general o apresto e a brevidade.<sup>85</sup> Ele muito mais perplexo<sup>86</sup> <com> esta promessa<sup>87</sup> [por se encontrar] com o intento e ordem del-Rei e com a disposição presente de todas as coisas, comunicou o escrito com o Padre Reitor do Colégio, para que entendesse do Pe. Almeida em que fundava<sup>88</sup> a resolução e segurança do que dizia. E perguntado (e ainda estranhado do superior<sup>89</sup> / por se meter em matéria de tanto peso e risco) e mandado que dissesse os fundamentos que tinha para prometer uma coisa tão contingente e dificultosa, e que toda a boa razão julgava por impossível, respondeu ingenuamente que Cristo lho significara assim estando dizendo missa, quanto tinha a [sagrada] hóstia nas mãos, e que nenhuma dúvida havia de se haver de cumprir. Com esta<sup>90</sup> <resposta> entendeu o general ser do céu<sup>91</sup>, por outras experiências que tinha do mesmo oráculo; resolve a viagem<sup>92</sup>, apresta os navios, vence <as> dificuldades, as<sup>93</sup> do tempo, e o mesmo tempo, que era a maior dificuldade, cerrando<sup>94</sup> os olhos aos inconvenientes e<sup>95</sup> os ouvidos [às contradições] e clamores dos que gritavam que<sup>96</sup> <tudo se> perdia; e com bastante armada para o intento del-Rei, mas mui desigual para as promessas<sup>97</sup> <do Padre>, no dia sinalado de 12 de Maio, em uma terça-feira dedicada aos Santos Anjos, deitou fora da Barra do Rio de Janeiro e tomou sua derrota<sup>98</sup> por aquela grande travessa.<sup>99</sup>

fl.2v

Não se passaram muitos dias nem horas que se não começasse a confirmar a verdade da Profecia, porque pouco tempo depois de partir e desaparecer a armada, entrou pela mesma barra de Rio de Janeiro navio de Lisboa com<sup>100</sup> aviso e nova ordem de Sua Magestade, que o general Salvador Correia de Sá<sup>101</sup> desistisse por

então da viagem de Angola e ficasse governando e defendendo aquela praça, cujo risco se confirmava pelas notícias de Holanda, e não parecia prudência diminuí-la de mantimentos, gente, munições e navios, quando<sup>102</sup> mais necessidade tinha de tudo isto. Triunfaram com este aviso e lamentaram-se por outra parte os que<sup>103</sup> haviam sido de parecer (e eram todos) que a armada não salsse, e foi necessária<sup>104</sup> toda a reverência que se tinha ao Padre João de Almeida para que não condenassem de precipitado o seu conselho, mas o efeito mostrou que nem o Rio de Janeiro havia mister aquele socorro, porque não foram lá os Holandeses, e que importava que ele partisse<sup>105</sup> determinadamente até os 12 de Maio, para que a nova ordem del-Rei não estorvasse as de Deus.

Aos 12 de Julho avistou a armada a costa de<sup>106</sup> África, e aos 26 molhou as âncoras na enseada de Guicombo. Saltou o General<sup>107</sup> em terra com parte da Infantaria para se dar princípio à fortaleza. Mas a mesma terra, o mar e o céu se armaram a<sup>108</sup> desfazê-la antes que se lhe pusesse a primeira pedra. [A terra] porque, tomada informação, se achou que por aquela parte não podia ser socorrida a fortaleza de Massangano<sup>109</sup>, assim pela muita distância, como por haver em meio muitas gentes inimigas; o céu porque se conheceu ser o clima<sup>110</sup> pestilento muito doentio e incapaz de viverem [e se conservarem] nele homens de Europa; e finalmente o mar, porque na maior serenidade do tempo (com prodígio nunca antes nem depois jamais visto) e sem bulir bafo de vento, se levantou uma tal tempestade<sup>111</sup> <de> ondas que corria<sup>112</sup> sobre ferro a todos os navios, sendo tal sua fúria e grandeza que entravam [os mares] pelas proas, e<sup>113</sup> <rebentavam> pelas popas, afogando-se os homens no mesmo convés, / sem valer força nem arte, nem se poder tomar conselho em tamanha confusão e caso tão novo. O Galeão S. Luís, que era Almiranta [e o mais forte de toda a armada], rotas as amarras e envolto no rolo do mar, foi<sup>114</sup> em pedaços à costa, perdendo nele sem remédio<sup>115</sup> duzentos e cinquenta homens, perda muito considerável em tão pouco número, porque os Infantes não chegavam a oitocentos e os navios eram onze. Acrescentava o prodígio e o temor ver que toda esta tormenta, como a de Jonas era só no espaço de mar que cercava<sup>116a</sup> armada, porque no mesmo tempo, em distância de poucas braças, estavam alguns batéis dela pescando em grande serenidade. Pôs o general em conselho o que se devia fazer, mas não esperou Deus que ele tomasse a resolução, porque não se atasse às ordens do Rei, quando<sup>117</sup> queria se executassem as suas.<sup>118</sup> Levantaram-se todos em um corpo e em uma voz, dizendo: “Luanda,



Luanda, ou vencê-la ou morrer, antes lá que aqui”.

Partida [com esta aclamação] ou levada de Guicombo<sup>119</sup> a Aramada aos seis de Agosto, aos 12 avistou Luanda, e tomada prática de terra se conheceu com segunda experiência quão bem<sup>120</sup> antevistas tinha todas as oportunidades<sup>121</sup> da empresa<sup>122</sup> e quão medidos os dias quem tantas instâncias fizera pelo da partida, e tão sinaladamente o determinara: porque se soube que a melhor gente do Inimigo era<sup>123</sup> <saída> poucos dias antes, contra a<sup>124</sup> fortaleza de Massangano, e que as de Luanda estavam menos bem guarnecidas. Não perdeu o general um momento de tão boa ocasião e, tendo entrado no Porto de Luanda aos 13, no mesmo dia mandou embaixada aos que com nome de Diretores tinham a cidade pelos Estados das Províncias Unidas, [admoestando-os] a quisessem render em paz [à obediência del-Rei de Portugal], pelas razões de justiça e conveniência que para isso alegava. Mas tendo eles respondido como Soldados, e capitulado aquele dia e o seguinte de trégua, para ...e-rem<sup>125</sup> tomar se quisessem nova deliberação [(que não tomaram)], na madrugada<sup>126</sup> dos<sup>127</sup> <quatorze> saltou o general com toda a Infantaria em terra, <sup>128</sup> marchando todo<sup>129</sup> aquele dia até as trincheiras da cidade, que foram sem muita dificuldade rendidas,<sup>130</sup> e o Inimigo <se retirou> à fortaleza principal do Morro e a outros fortes interiores. No dia seguinte, que se contavam os quinze<sup>131</sup> <de Agosto>, dia sinalado ...<sup>132</sup> assunção da Senhora, entrou o general com todos seus<sup>133</sup> oficiais e gente de guerra a tomar posse da Cidade de Luanda e alojar nela; sendo a primeira ação a das graças que logo foram dar [solenemente] a Deus e<sup>134</sup> à Santíssima Virgem [na Igreja] do Colégio da Companhia de Jesus, a que se devia em tanta parte a felicidade do sucesso pelo que nele tinha trabalhado a oração, o conselho, a promessa e as instâncias<sup>135</sup> daquele grande<sup>136</sup> <oráculo> da mesma Religião.<sup>137</sup> Gastados em guarnecer e fortificar os postos mais necessários aquele e o outro dia, na manhã dos dezessete foi avançada a fortaleza do Morro à escala vista,<sup>138</sup> <com grande resolução e valor, mas> sendo os nossos rebatidos, [com igual resistência se retiraram], com alguma perda de gente e de confiança, tendo com justo receio que o Holandês fosse socorrido / poderosamente<sup>139</sup> de seus aliados,<sup>140</sup> <entre os quais>, não muito longe de Luanda, traziam cinco companhias<sup>141</sup> suas. Mas no seguinte dia, bem fora da esperança dos nossos (havendo já<sup>142</sup> [em alguns] bem diferentes pensamentos)<sup>143</sup>, os Holandeses da fortaleza,<sup>144</sup> atormentados com<sup>145</sup> o primeiro <assalto>, e não querendo aguardar o rigor do segundo, fizeram chamada com uma bandeira branca e se capi-

fl.3v

tulou a entrega, com muito honradas condições, que se firmaram em 21 de Agosto,<sup>146</sup> [e se executaram aos 24, no mesmo dia de S. Bartolomeu em que sete anos havia tinham os Holandeses tomado Angola.] O general, lembrado<sup>147</sup> [do noto ou] recomendação<sup>148</sup> do Padre João de Almeida, levantou na <fortaleza do> Morro uma capela ao Arcanjo S. Miguel, e à cidade acrescentou o título da Assunção em<sup>149</sup> perpétua memória do patrocínio da Senhora, em cuja<sup>150</sup> <festa> e oitavário se <começou>, venceu e concluiu<sup>151</sup> a empresa.<sup>152</sup> A exemplo<sup>153</sup> de Luanda e Reino de Angola, se sujeitou<sup>154</sup> logo sem armas o de Benguela, e el-Rei de Congo pediu nossa amizade, e o imperador Cazange ofereceu a obediência,<sup>155</sup> e a Rainha Ginga, e mais potentados e sobas<sup>156</sup> [fizeram o mesmo]. E por este modo tão maravilhoso, contra as ordens del-Rei, contra o intento do general, contra a<sup>157</sup> opinião<sup>158</sup> do Reino,<sup>159</sup> contra a vontade do mesmo Brasil<sup>160</sup> [e contra a esperança da mesma Angola], enfim contra todas as regras da guerra, da navegação,<sup>161</sup> dos ventos, dos mares e da mesma natureza,<sup>162</sup> cumpriu o Autor e Senhor dela a palavra do Padre João de Almeida, em prova de que era sua.

Já<sup>163</sup> em Angola estava cumprida e segura a profecia, mas ainda no Rio de Janeiro corria fortuna, e com ela a opinião do seu fiador; porque tardava<sup>164</sup> a verdadeira nova e<sup>165</sup> [como é costume nas coisas que muito se temem ou desejam] tinha <se> espalhado ...<sup>166</sup> o general era morto e a armada perdida. Assim o disse<sup>167</sup> <ao Padre> <mui lastimada> uma mulher viúva que tinha seu genro na armada<sup>168</sup> e ele repreendendo sua incredulidade, lhe responde estas palavras: “Vá-se, vá-se pôr de joelhos diante daquele altar [(porque estavam numa Igreja)] e dê graças a Deus não é morto o general,<sup>169</sup> <antes> tem alcançado uma grande vitória dos Inimigos de nossa Santa fé”. Outra vez lhe disseram ...<sup>170</sup> coisa semelhante na Igreja Matriz do Rio de Janeiro, em dia de S. Miguel, e o Padre ...<sup>171</sup> [acudiu: “que é o que dizem?”] e apontando para a Imagem do<sup>172</sup> Santo Anjo<sup>173</sup> <acrescentou>: “Boas fataxas tem já feito aquele alferesinho de Cristo nos Inimigos de nossa Santa fé”. [Esta era a frase por onde sempre nomeava os Holandeses.] Mas o caso<sup>174</sup> em que vacilou <a constância de> muitos e todos ficaram em grande suspensão foi que<sup>175</sup> [havendo dito] o Pe. João de Almeida que antes da festa das Onze mil virgens viria a nova da vitória, passou o dia de 21 de outubro, e passaram<sup>176</sup> <muitos dias> depois, sem haver nova de tal nova. Mas soltou esta suspensão o sucesso com muita graça. Porque a festa das Virgens, que é própria<sup>177</sup> dos Colégios da Companhia em todo aquele Estado, se dilatou / e trasladou na-

quele ano para<sup>178</sup> os 8 ou 10 de Novembro, por ocasião de certas obras<sup>179</sup> que tinham descomposto a Igreja, e na véspera do dia em que com efeito se celebrou a festa das Virgens, entrou navio de Angola e se dobrou a mesma festa com a alegria<sup>180</sup> [de tão] desejada nova. Então se advertiu<sup>181</sup> que o Padre não tinha dito [que havia de vir a nova da vitória na véspera do dia, senão na véspera da festa, como sucedeu. Tantas profecias<sup>182</sup> concorreram<sup>183</sup> e se cumpriram em uma só profecia.]

Bastava<sup>184</sup> a Restauração de Angola para Portugal dever<sup>185</sup> às orações<sup>186</sup> <deste> grande servo de Deus não só<sup>187</sup> <a mesma> Angola, senão<sup>188</sup> <também> o Estado do Brasil que dela vive,<sup>189</sup> e se sustenta, podendo-se com muita razão dizer que o Brasil tem o corpo na América, e a alma na África.<sup>190</sup> Mas não se deve a restauração e conservação do Brasil do Padre João de Almeida só por esta consequência, senão por outros efeitos menos remotos e de mais custosa eficácia. Ouviam-se na Igreja da Companhia nas horas mais secretas da noite umas vozes temerosas acompanhadas de muitos golpes, que acrescentavam<sup>191</sup> mais o horror. Vigiou-se o que aquilo podia ser e achou-se que era o Pe. João de Almeida, o qual despido na mesma forma em que Cristo esteve atado à coluna<sup>192</sup> <dava em si aqueles cruéis açoites>, também<sup>193</sup> por pecados alheios, com<sup>194</sup> <igual crueldade> e caridade; e as vozes que se ouviam [a espaços] no meio daquele sacrifício cruento eram estas: “Pernambuco, Senhor, em poder dos Hereges! As terras<sup>195</sup> e as Igrejas dos Católicos em poder de Inimigos de nossas Santa fé! Quando se há de dar por satisfeita a Vossa justiça? Misericórdia IESU! Misericórdia IESU!” Com este aperto requeria no Rio de Janeiro o remédio de Pernambuco, o qual <pouco> depois<sup>196</sup> se viu restaurado e livre por modo tão maravilhoso e inopinado,<sup>197</sup> atribuindo-se o sentimento de tantas praças e fortalezas inexpugnáveis não ao poder de nossas armas, que tão desenganado estava<sup>198</sup> de tal vitória, mas a estas baterias tão fortes do Pe. João de Almeida. Tomado Pernambuco e sustentado havia tantos anos; tomada a Bahia uma vez e sitiada outra e abrasados duas vezes os engenhos,<sup>199</sup> as canas e toda a fertilidade e riqueza de sua campanha; temiam-se os mesmos e maiores danos ao Rio de Janeiro, onde residia<sup>200</sup> aquele grande<sup>201</sup> servo e amigo de Deus. Mas ele assegurou<sup>202</sup> sempre a todos, ainda no meio dos mais apertados rebates,<sup>203</sup> e dos avisos del-Rei e dos receios dos generais mais bem fundados, que o Inimigo não havia de ir àquela praça, como com efeito sucedeu.<sup>204</sup> [Sendo muito para notar] não há praça de nome [por toda<sup>205</sup> a costa] desde o Rio de Janeiro

até<sup>206</sup> o Maranhão, em espaço de mais de seiscentas léguas, que o Inimigo não<sup>207</sup> <intentasse> com suas armadas: como foram o mesmo Maranhão, Ceará, Rio Grande, Paraíba, Itamaracá, Pernambuco, Cabo de Santo Agostinho, ..inhaé, Porto Calvo, Alagoas, Rio de São Francisco, Sergipe del-Rei, Bahia, Espírito Santo;<sup>208</sup> e seguindo-se a estas o Rio de Janeiro, ali parou sempre o Raio de tudo, ao que se crê pelas orações do Pe. João de Almeida,<sup>209</sup> com as quais mereceu alcançar / <de Deus a segurança> da cidade, mas também a revelação do decreto, porque estava segura. Tão grande presídio é de um Estado um homem santo. Esta foi a razão não bárbara daquela bárbara notificação com que .....

## NOTAS

(Obs.: as palavras aqui em negrito foram excluídas por Vieira por meio de riscados.)

1. Brasil e
2. conserva o seu <hoje>
3. naquele famoso grande
4. E pedindo
5. Brasil, floresceu naquela vastíssima Província, entre
6. exemplos todos
7. No original: maravilhosos (sic) foi
8. na graça
9. tão insigne
10. raro na graça
11. aqui um caso galante
12. No original: trababalhava (sic)
13. o Padre

14. como **não**
15. Palavra puída, ilegível.
16. [(**disse o Santo**)] (replicou o Santo)]
17. ser **Religioso**
18. Companhia, **disse o Padre**.
19. então **sere- querereis ser Apóstolo**
20. que **dali**
21. concertou **Pero**
22. filha, a **qual**
23. Cidade, **que**
24. Tem **⟨este grande Santo⟩**
25. padroeiro [**ao Santo Mártir**]
26. muitas **festas e danças**
27. **⟨ali⟩** ia **na procissão .⟨na procissão⟩**
28. diabo **queria**
29. então **achava**
30. diabo a **Pero Gonçalves**
31. correram **todos**
32. novas; e **entre as cartas que**
33. hora **do Padre**
34. Palavra de leitura duvidosa.
35. Religiosamente. **Desta maneira se vê**
36. verificou **uma coisa**
37. de **querer**

38. Companhia **Pero Gonçalves**
39. varão **pelos anos de no Brasil desde**
40. Lacuna do original. José de Anchieta faleceu em 1597; além disso, chegou ao Brasil não em 1563, como diz Vieira, mas em 1553
41. orações. **Havia**
42. ela **todos**
43. Portos e **os**
44. comércio **dos totalmente**
45. Portugueses **que se**
46. Estado [**que tinham escapado da guerra, da doença, e da inclemência do clima**]
47. retirados **à fortaleza**
48. dentro **à fortaleza de Maça-Masangano, sem as assistências do Reino ... socorros do Brasil <estavam> presos entre <suma> miséria e ... perigo [e desesperação] ... de tudo do Inimigo e consigo as esperanças da Restauração, tudo o que Portugal conservava naquela costa, que era pouco mais que o nome. A diversão das guerras do Reino que ... tavam demais perto não davam lugar a que el-Rei** (trecho muito manchado e puído, sendo feitas algumas restituições com o auxílio da versão final de Vieira).
49. e **consigo tudo o que**
50. arrancar **de Angola**
51. No original: estabelicada (sic)
52. divinos, **pela simpatia que tem natural**
53. tira **os Reinos**
54. Reinos. **Resolveu el-Rei**
55. fosse **mandar**
56. léguas **ao**
57. Luanda **para a parte do**
58. se **fundasse**

59. socorridos os nossos da terra
60. Massangano, a que
61. retirado, e tirar por aquele porto para o Br-do Brasil
62. os **Potentados negros**
63. logo a **Salv-**
64. o qual **chegou**
65. navios **ao Rio de chegou a**
66. resto **daquela armada**
67. intento. **Mas nada disto Faziam**
68. **Holandeses, com fama ou com temor ao menos**
69. **a todos**
70. os **Portos lugar Portos**
71. **a o**
72. Rio de Janeiro, **a que**
73. ao qual **mais**
74. importante à **conquista Universal**
75. No original: Univel (sic).
76. e **aquele socorro dos navios**
77. Comunicou **contudo**
78. se **achava**
79. com **Deus**
80. Ihe **disse**
81. No original: empresa,<sup>2</sup>porque Deus Ihe queria dar uma grande vitória em que livraria a cidade e Reino de Angola do poder de Inimigos de nossa santa fé,<sup>1</sup>e que se aprestasse com toda a brevidade de modo que aos doze de Maio tivesse saído daquele porto / por meio, etc.

82. empresa **e que**
83. disse **o Pe. Almeida**
84. encarregar **< muito >**
85. brevidade, **com que**
86. perplexo **por se encontrar < com >**
87. promessa **< do Padre >**
88. fundava **a segurança e aquela resolução tão contrad-**
89. superior **de se meter**
90. esta **enten-que**
91. céu **pela**
92. viagem, **apresta a armada**
93. as **dificuldades**
94. cerrando **< em tudo >**
95. e **ainda**
96. que **se iam perder**
97. promessas **que entendia eram de Deus**
98. derrota **para a costa oposta**
99. travessa. **Não se passaram**
100. com **novo**
101. Sá **não partisse e**
102. quando **esta ... tão** (palavra riscada pufda, ilegível)
103. que **tinh-**
104. necessário **todo o respeito**
105. partisse **até os do pontualmente**



106. de **Angola**
107. General **em terra**
108. a **desfazer**
109. Massangano, **por fi-**
110. clima **muito**
111. tempestade **nas**
112. corriam
113. e **se iam**
114. Foi à costa, onde se fez num momento se fez em pedaços e pereceram sem nenhum remédio duzentos e cinco pessoas e cinco homens, que foi perda muito considerável.
115. remédio **mais de**
116. cercava **os navios**
117. quando **ele**
118. suas. E **assim**
119. Guicombo **nos seis de Agosto**
120. bem **previsto**
121. oportunidades **des-**
122. empresa **quem**
123. era **partida**
124. a **nossa**
125. Palavra **puída**
126. madrugada **do 3º ... quinze de Agosto** (palavra riscada puída, ilegível)
127. dos **quatro**
128. terra, **e**

129. todo o dia
130. rendidas ... (palavra riscada puída, ilegível)
131. quinze, entrou o general
132. Palavra puída, ilegível.
133. seus ... (palavra riscada puída, ilegível)
134. e à Senhora
135. instâncias do
136. grande sujeito
137. Religião. Aos guarnecidos
138. vista, mas sem
139. poderosamente da gente
140. aliados, em que
141. companhias das
142. já em muitos deles
143. pensamentos), o Inimigo os que defendiam a fortaleza
144. fortaleza foram
145. com a primeira avançada
146. Agosto [de 1648; e] Aos 24 que dia da S. Bartolomeu, e o mesmo em que o ano de 1641, sete anos havia tinham os Holandeses tomado Angola e entramos e se fez entrega daquela e de todas as fortalezas, com que ficou nos meteram <largaram> outra vez de posse dela, largando aquela e as demais em posse pacífica dela, saindo com suas armas daquela fortaleza daquela e das demais fortalezas.
147. lembrado do que
148. da recomendação
149. em memória da
150. em cujo dia

151. No original: conluiu (sic). Mesmo os dicionários da época registram “conluio” e “conluir” numa acepção jurídica, significando ‘fazer uma ação para enganar outrem’; tal significado seria incabível no trecho em questão, pelo que inclinamo-nos a pensar que se trata de um erro de redação.
152. empresa. Os
153. exemplo da cidade
154. sujeitou **sem guerra sem**
155. obediência, **como também**
156. sobas. E **desta sorte**
157. a **esperança de todos**
158. opinião do
159. Reino e
160. Brasil, **mais interessado que todos, enfim contra todas as leis da guerra, da navegação e da mesma natureza**
161. navegação, e da mes-
162. natureza, **se cumpriu cumpriu o Senhor del-**
163. No original: Já a guerra Já /<sup>2</sup>estava cumprida /<sup>1</sup>em Angola / etc.
164. tardava a nova e se
165. e se
166. Palavra(s) puída(s).
167. disse na Igreja do Colégio
168. armada e o Padre e ele o Padre
169. general, e
170. Palavra puída.
171. Padre ... **respondeu** (palavra puída)
172. do Ar-

173. Anjo: **“aqueles que dizem?”**
174. caso **de maior**
175. que **di-**
176. passaram **alguns**
177. própria **no**
178. para **dez ou doze dias depois**
179. obras **que se**
180. alegria **da nova**
181. No original: /<sup>2</sup>se Advertid /<sup>1</sup>então
182. profecias **e tão notáveis foram as que**
183. concorreram **juntamente nesta profecia**
184. Bastavam **esta**
185. dever **as**
186. orações **daquele**
187. só **Ango- os Reinos de**
188. senão **o mesmo**
189. vive, e **se pode dizer**
190. África. Mas não se [lhe] deve aquele Estado só por <esta> consequência, senão por outros efeitos menos remotos e mais eficazes
191. acrescentavam **muito**
192. coluna, **se açoitava**
193. também **com**
194. com **grandes**
195. terras **dos Católicos**
196. depois **vimos rest-**

197. No original: /<sup>2</sup>inopinado e /<sup>1</sup>maravilhoso
198. estava **da**
199. engenhos, **os**
200. residia **o Padre**
201. grande **Amigo**
202. assegurou **por muitas vezes**
203. No original: /<sup>2</sup>rebates /<sup>1</sup>mais apertados
204. sucedeu. **Sendo que nenhum [Onde se deve muito notar]**
205. toda **aquela**
206. **até até**
207. não **entrasse**
208. Santo. **E seguido repetidas vezes**
209. Almeida, **posto que ele por sua humildade atribua esta mercê de Deus a outras**